



Experiências de alunos na Disciplina Uso Tradicional dos Recursos Naturais do Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia

Students' Experiences during the lectures of Traditional Use of the Natural Resources of the Professional Master's Degree in Management of Amazon Protected Areas

SCHNEIDER¹, Carlos; RUBBO², Mario; SANTIS³, Karen; FORMIGOSA⁴, Adriane; SANTOS⁵ Joaquim; BROCKI⁶, Elisabete

¹ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, carlos.schneider@ibama.gov.br; ² Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, mario.rubbo-neto@ibama.gov.br; ³ Secretaria de Estado do Meio Ambiente - SEMA, karen.santis@inpa.gov.br; ⁴ Instituto Mapinguari - IMAPIN, adriane.sfbio@gmail.com, ⁵ Delegacia Especializada Contra Crimes do Meio Ambiente - DEMA, autismonoamazonas@gmail.com, ⁶ Universidade do Estado do Amazonas - UEA, ebrocki@uea.edu.br

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e ferramentas participativas

Resumo: São descritas as vivências dos alunos durante a disciplina de Uso Tradicional dos Recursos Naturais, do Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia. Foram adotadas durante o curso ferramentas participativas (matriz de competências, pergunta geradora e dramatização) de modo a promover o ensino-aprendizagem pela via dialógica de troca de conhecimentos. Os resultados evidenciam a importância da interdisciplinaridade e metodologias participativas que potencializem os conhecimentos do grupo, aplicados a agroecologia, afirmando que é possível combinar conhecimentos tradicionais com científicos, produzindo saber de qualidade no campo da etnoecologia.

Palavras-chave: Ferramentas participativas; Interdisciplinaridade; Uso tradicional de recursos naturais.

Keywords: Participatory tools; Interdisciplinarity; Traditional use of natural resources.

Abstract: The students' experiences during the lectures of Traditional Use of Natural Resources of the Professional Master's Degree in Protected Areas Management in the Amazon are described. Participant tools were used (grid of competencies, leading question and dramatization) to promote teaching-learning through a dialogic way of knowledge exchange. Results showed the importance of interdisciplinarity and participatory strategies in order to strengthen the group's knowledge, applied to agroecology.

Contexto

O Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia (MPGAP) é o primeiro mestrado profissional do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em Manaus, e o único dedicado especificamente à gestão de áreas protegidas na Amazônia, tendo sido aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em março de 2010. O MPGAP emprega métodos científicos interdisciplinares e inovadores no ensino-aprendizagem e destina parte de suas vagas à participação de gestores de outros países da bacia amazônica, além do Brasil.



Ademais, parte de seu corpo docente é composto por professores estrangeiros em cooperação com a Escola Latina Americana de Áreas Protegidas (ELAP), sediada na Costa Rica (ELAP, 2019).

Na edição de 2019 do MPGAP, a turma é composta por 14 alunos. A disciplina “Uso Tradicional dos Recursos Naturais” abordou aspectos relacionados à construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias destacando a etnoecologia como a interface entre os conhecimentos científicos e tradicionais com enfoque na interdisciplinaridade, envolvendo homem, natureza, cultura, biologia e antropologia (Bassi *et al*, 2010).

Descrição da Experiência

A primeira atividade da disciplina constitui-se na dinâmica de mapeamento de competências e experiências dos discentes. A metodologia utilizada foi a matriz Fraquezas, Oportunidades, Fortalezas e Ameaças (FOFA) que, quando construída coletivamente, auxilia na identificação dos recursos humanos disponíveis e os desafios a serem enfrentados (Silva *et al*, 2014). Para tanto, cada estudante recebeu duas fichas: uma destinada ao preenchimento com a formação acadêmica e outra com as competências e experiências. Por se tratar de um mestrado profissional, em regra, os discentes possuem experiência profissional e formações acadêmicas diversas. Por fim, foi realizada discussão sobre a possibilidade de agrupamento das competências e formações complementares, tendo sido alcançados os seguintes resultados:

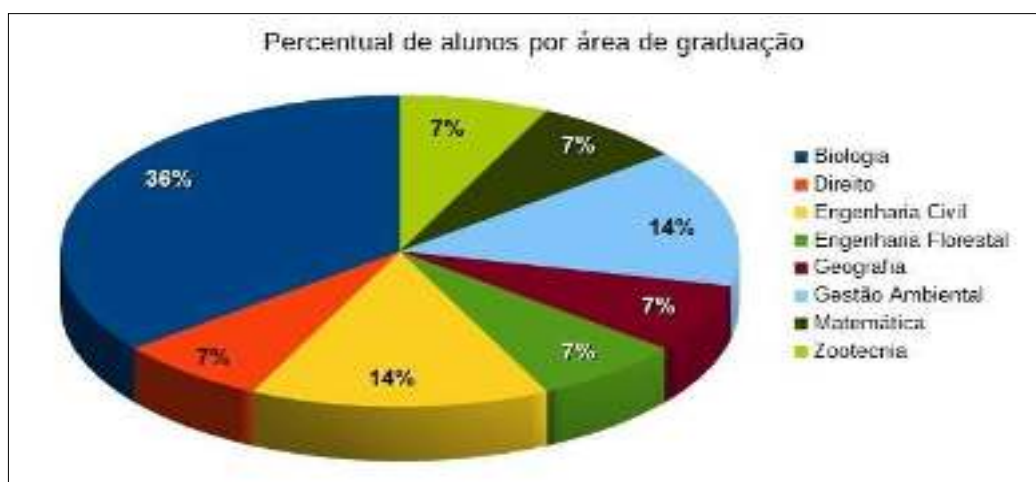


Gráfico 1. Número de alunos por área de formação acadêmica (graduação)

O Gráfico 1 demonstra que a turma possui graduação multidisciplinar, com predomínio de Biólogos (36%), seguido por profissionais das Ciências Sociais Aplicadas (21%), Ciências Agrárias e Engenharias com igual participação (14%) e um profissional da Ciências Exatas e da Terra (7%). Portanto, ao se considerar somente a área de graduação dos estudantes, há fortaleza nas Ciências Biológicas e fraqueza nas



Ciências Humanas e Exatas e da Terra. No entanto, tal tendência não se confirmou quando foram analisadas as experiências profissionais e formação continuada, evidenciando competências multidisciplinares. No Gráfico 2 se observa que o grupo apresenta bom número de indivíduos com formação complementar e histórico profissional na área de gestão socioambiental, de manejo de recursos naturais, de gestão pública e de fortalecimento de capacidades.

A partir dos resultados de formação acadêmica, formação complementar e experiência profissional (Gráficos 1 e 2), observou-se a ausência de formações e/ou competências sobre infraestrutura e tecnologia, sendo fatores externos e podendo ser considerados como Ameaças. Estes aspectos se mostram distantes física e socialmente da gestão socioambiental.



Gráfico 2. Quantidade de alunos em cada área de formação complementar e experiência profissional.

Outra atividade realizada foi a de solicitar aos alunos que descrevessem como se autodenominam as pessoas por eles atendidas em seus ambientes de trabalho. Para tanto, cada mestrando deveria responder à pergunta: *“Na sua vivência, como as pessoas nos lugares/comunidades onde trabalham ou trabalharam se auto identificam?”*

Em seguida, foram registradas as respostas dos mestrandos, construindo-se o Quadro 1.

Agricultor	Seringueiro
Pescador	Acampado
Colono	Caiçara
Comunitário	Comunitário
Quilombola	Acampado
Caboclo	Produtor Rural



Povo Indígena (foram listadas várias etnias) Visitante	
Extrativista	Professor
Castanheiro	Turista
Quilombola	Estudante

Quadro 1. Relação de auto-identificação das pessoas com quem os mestrandos do MPGAP trabalham ou trabalharam.

As diferentes respostas retratam a confluência de atores sociais distintos. Ao considerar o Quadro 1, houve um rico debate sobre “populações tradicionais” e “áreas protegidas” (ALMEIDA, 2006; SILVA, 2019). A pergunta apresentada também se relaciona com as experiências de vida dos alunos. É esperado que, quanto maior o grupo, maior seja a diversidade de talentos, destrezas e conhecimento (Pretty et al, 1997). No entanto, mesmo com um grupo reduzido, foi observada significativa variedade de identidades, no relato de experiências realizadas em diferentes regiões do país. Isso é denotado pela utilização de termos regionais, como “colono”, típico da região sul do país e “caiçara”, da região sudeste, contemplando regiões que extrapolam a região amazônica, que é objeto do mestrado profissional.

Diante das diversas experiências profissionais e de formação complementar dos mestrandos, após apresentação de conceitos relacionados ao conhecimento tradicional (oralidade, memória, espaço, tempo, lugar), ficou claro que a visão com os olhos do outro e os níveis de participação social são ferramentas participativas que auxiliam na intervenção social de sistemas rurais (Drumond, 2009; Geilfus, 2010).

A turma foi dividida em dois grupos e provocada a dramatizar a aplicação dos conceitos discutidos em aula. Um dos grupos optou por relatar três situações (cenas) que ocorrem com frequência na realização de diagnósticos participativos junto a comunidades tradicionais. A primeira cena retratou a realização da entrevista por um técnico inexperiente e descomprometido com a atividade. Foram representadas as seguintes situações: impaciência, às vezes colocando palavras na boca do entrevistado, eventualmente demonstrando rispidez e gerando insegurança; utilização de termos técnicos desconexos com o vocabulário do comunitário; postura corporal não condizente, demonstrando superioridade (não olhando o entrevistado nos olhos, se posicionando em local superior); utilização de recursos tecnológicos que ou distraem o entrevistado (tablet).

A segunda cena retratou uma entrevistadora que não obtém sucesso ao entrevistar um chefe de comunidade, que demonstra desconforto ao ser entrevistado por uma mulher. A entrevistadora utiliza diversos artifícios, sempre mantendo a educação, respeito e cordialidade, mas só é bem-sucedida quando decide entrevistar a esposa do entrevistado.

A terceira situação relatou cena em que a entrevistadora usa diversos recursos para ganhar a confiança da entrevistada, obtendo todas as informações necessárias ao



diagnóstico. São destacadas as seguintes qualidades da entrevistadora: postura corporal adequada (senta-se para alcançar o mesmo nível da entrevistada, manifesta-se sempre com simpatia); manifesta interesse, criando vínculos com a entrevistada (pergunta da família, aceita café, interessa-se pelos seus afazeres).

Resultados

As ferramentas participativas utilizadas permitiram uma rápida assimilação e fixação dos conteúdos abordados na disciplina. Além disso, pode-se afirmar que é possível combinar conhecimentos tradicionais com científicos, produzindo saber de qualidade no campo da etnoecologia. Isso está em sintonia com Hollyday (1996): “Nossa principal preocupação deveria estar em como incorporar de maneira efetiva, viável e permanente, processo e produto de avaliação, pesquisa e sistematização dos nossos trabalhos”.

Agradecimentos

Ao Coordenador do MPGAP/INPA, Gil Vieira, e aos demais alunos da turma: Daniel Cangussu, Gleidson Aranda, Hevelise Silva, Luiza Machado, Poliana Ferro, Cristiano Neves, Caetano Franco, Tarik Argentin e Reynier Omena.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, A. W. B. **Terras de quilombos, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”**: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.

BASSI, J. B.; COELHO DE SOUZA, G.; KUBO, R. Etnoecologia contemporânea e interdisciplinaridade: contribuições da antropologia ecológica de Tim Ingold. In: ENCONTRO DE REDE DE ESTUDOS RURAIS, 4. 2010, Curitiba. **Anais...** Disponível em: http://www.ufrgs.br/temas/artigos/2010_redes-texto-bassi.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

DRUMOND, M. A.; GIOVANETTI, L.; GUIMARÃES, A. **Técnicas e ferramentas participativas para a gestão de unidades de conservação**. Brasília: MMA/ GTZ, 2009.

ELAP. **Que és la ELAP (Escuela Latino Americana de Áreas Protegidas)**. Disponível em: <https://www.uci.ac.cr/escuela-latinoamericana-areas-protegidas/>. Acesso em: 15 jun. 2019.

GEILFUS, F. **80 herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación**. San Salvador, El Salvador: Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura, 2000.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1996.

INPA. **Mestrado profissional em gestão de áreas protegidas**. Disponível em: <http://w2.portais.atrrio.scire.net.br/inpa-mpgap/index.php/pt/mestrado-profissional>. Acesso em: 16 jun. 2019.

PRETTY, Jules N; GUIJT, Irene; SCOONES, Ian; THOMPSON, John. **Guia del Capacitador para el Aprendizaje y Acción Participativa**. Santa Cruz, Bolivia: Dirección de Programas de Investigación y Desarrollo, 1997.

SILVA, A.T.R. Áreas protegidas, populações tradicionais da Amazônia e novos arranjos conservacionistas. **Rev. Bras. Ciências Sociais**, v. 24, n. 99, p. – 99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v34n99/0102-6909-rbcsoc-34-99-e349905.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2019.

SILVA, E.M.S; PENEIREIRO, F. M.; STRABELI, J.; CARRAZZA, L. R.. **Guia de elaboração de pequenos projetos socioambientais para organizações de base comunitária**, Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), 2014.